

**PARTICIPAÇÃO E
INSERÇÃO SOCIAL:
protagonismo da
mulher negra em canais
do YouTube**

PARTICIPATION AND SOCIAL
INSERTION: protagonism of the
black woman in YouTube
channels

LA PARTICIPACIÓN E
INCLUSIÓN SOCIAL: el papel de
las mujeres negras en el canal
de YouTube

**Cristovao Domingos de Almeida¹
Beatriz Montalvão Pereira Brandão^{2, 3}**

RESUMO

O objetivo é destacar as possibilidades de participação na construção de debates políticos acerca das instrumentalidades que a internet oferece. Buscou-se entender de que forma as mulheres negras impulsionam as suas participações através do site de carregamento de vídeos digitais *Youtube*. Com os avanços tecnológicos e maior poder aquisitivo por parte das pessoas, a esfera cibernética tem se tornado cada vez mais um espaço para exposição e formação de opiniões, que muitas vezes não ficam só *on-line*, e podem ocasionar avanços na construção e desconstrução de pautas. Metodologicamente, fizemos revisão bibliográfica, observação e acompanhamento, com registro, de dois canais de mulheres negras.

¹ Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS), mestre em Educação (Unisinos) e graduado em Relações Públicas (PUC-Campinas/SP) e é professor Adjunto na Universidade Federal do Pampa. E-mail: cristovaoalmeida@gmail.com.

² Graduada em Relações Públicas com ênfase em Produção Cultural pela Universidade Federal do Pampa e integrante do Grupo de Pesquisa CRIANEGRA. E-mail: beatriz_montalvaopereira@hotmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Pampa, São Borja. Rua Ver. Alberto Benevenuto, 3200, Passo, CEP: 97670-000 - São Borja, RS - Brasil.

Evidenciamos que o empoderamento e discussão de questões políticas sobre as mulheres negras no *Youtube* deram-se inicialmente através de temáticas ligadas a estética negra.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras; participação; Youtube; empoderamento.

ABSTRACT

The objective is to highlight the possibilities of participation in the construction of political debates about the instrumentalities that the Internet offers. It was sought to understand how black women boost their participation through the website of downloading digital videos Youtube. With the technological advances and greater purchasing power of the people, the cybernetic sphere has increasingly become a space for exposure and formation of opinions, which are often not only on-line, and can lead to advances in the construction and deconstruction of Guidelines. Methodologically, we did bibliographic review, observation and follow-up, with registration, of two channels of black women. We have shown that the empowerment and discussion of political issues about black women on Youtube were initially based on themes related to black aesthetics.

KEYWORDS: Black women; participation; Youtube; empowerment.

RESUMEN

El objetivo es poner de relieve las posibilidades de participación en la construcción de los debates políticos sobre los instrumentos que ofrece Internet. Él trató de comprender cómo las mujeres negro a aumentar sus participaciones a través del sitio de carga de vídeo digital de Youtube. Con los avances tecnológicos y una mayor capacidad de compra de la gente, la esfera cibernética se ha vuelto cada vez más un espacio para la exposición y la formación de opiniones, que a menudo no sólo en línea, y puede conducir a avances en la construcción y deconstrucción directrices. Metodológicamente, hicimos la literatura, la observación y el examen de seguimiento con el registro de dos canales de las mujeres negras. Hemos demostrado que el



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p630>

fortalecimiento y la discusión de temas políticos en las mujeres negras en Youtube dieron inicialmente a través de la estética negra de la temática relacionada.

PALABRAS CLAVE: Las mujeres negras; la participación; Youtube; potenciación.

Recebido em: 15.02.2017. Aceito em: 01.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p630>

Introdução

A luta das mulheres pela conquista de seus direitos e sua inserção na sociedade, é travada diariamente. No Brasil, desde o período escravocrata, percebemos retardos no protagonismo das mulheres negras, que, enquanto as mulheres brancas buscavam conquistar seus direitos, tais como: direito ao voto, à educação, ao trabalho, questões ligadas à maternidade, entre outros, ainda não haviam adentrado à sociedade enquanto cidadãs. Mesmo após a abolição da escravatura, as mulheres negras, continuaram em posição secundária. Geralmente serviçais para àquelas que já eram livres, o que protelou e ainda surge em forma de atrasos na participação social e política.

Questões relacionadas à desigualdade de gênero, as disparidades nos privilégios entre homens e mulheres, são agravadas pela dimensão racial. O racismo faz com que mulheres negras sejam as primeiras em estatísticas sobre violência e mortalidade, faz com que questões trabalhistas, de saúde, orientação sexual, de maternidade entre tantas outras tenham diferenças quando comparadas às mulheres brancas. Mulheres negras também são as mais pobres, que possuem menos acesso à educação e conseqüentemente menor acesso à informação e conscientização perante às questões políticas e seus direitos como cidadãs.

Atualmente, novas formas de participação social e política estão sendo criadas, e, muito se deve aos instrumentos fortalecedores de mobilizações, muitas delas, com espaços nos meios de comunicação. A internet, por exemplo, potencializa cada vez mais as visibilidades das ações e agregam com rapidez as informações sobre qualquer assunto, e é também, onde as mulheres negras, estão se inserindo e tendo autonomia para gerar seus próprios conteúdos informacionais. Com essa expansão da internet e das redes sociais digitais, a conscientização, auxilia para fortalecer e expandir as ações dos movimentos

sociais, com possibilidade de construir novas narrativas e espaços de discussões.

Os avanços tecnológicos fazem com que os processos relacionais fiquem cada dia mais efêmeros. A mediação pelo computador, por exemplo, gerou outras formas de relações sociais, servindo de instrumento para mobilizar lutas contra diversas opressões. Neste trabalho nos ateremos a tratar de preconceitos, principalmente sobre o machismo e racismo, os quais devem ser combatidos por todos os cidadãos, porém nota-se que a maioria dos indivíduos valorizam a ideia de que alguém fale por si, que o represente e atinja suas expectativas. Caso essas expectativas não acontecem, ocorre a falta de confiança por parte dos representados, conseqüentemente a descrença e maior desinteresse em participar.

Ao acompanhar a luta em prol da participação e inserção social das mulheres negras foi possível constatar o quão difícil é a conquista de espaço social e também a ausência de mulheres negras tanto no espaço acadêmico quanto em outros espaços considerados ainda de renome para a maioria das mulheres, conseqüentemente há poucas bibliografias que articulam os temas: mulheres negras, comunicação e participação.

Os aportes metodológicos fundam-se na revisão bibliográfica, observação e registro periódico dos canais do *youtube*. Em seguida partimos para análise dos canais de duas *Youtubers* negras, as que possuem mais visualizações, em busca de aferir de quais temáticas elas mais tratam em diferentes momentos. Sabe-se que o *youtube* é uma plataforma que facilita a busca de conteúdo. Pois, muitas pessoas optam por entrar no mundo *Youtuber*, por conta da facilidade na conversação com os públicos. Com isso, constatamos que as temáticas de maior interesse, através de visualizações, são questões que empoderam as mulheres negras, como por exemplo a aceitação da estética e

beleza negras, majoritariamente relacionadas ao cabelo crespo e cacheado. Constatamos também que as mulheres negras utilizam os canais de *youtube* para promover nova forma de participação, além disso, produzem e divulgam os conteúdos que afirmam a identidade, a autonomia e o empoderamento.

Participação: significado e importância

O Brasil é um dos países da América Latina que não possui uma cultura de participação enraizada, por conta de seu contexto histórico-cultural e da sua construção política. Pois, por muito tempo não possuía autonomia nas questões políticas e nem sobre a escolha de seus representantes. Não havia liberdade na busca por seus próprios direitos.

A exclusão da população do processo eleitoral decorria da característica do regime colonial: desconsiderava inteiramente os direitos individuais, sociais e políticos dos escravos. (BIZ, PEDROSO, 1992, p. 46). A experiência democrática no Brasil é recente. Se olharmos os 500 anos de história, verificaremos que menos de 10% deste tempo é de regime político democrático. (POCHMANN, 2014).

Farias Neto (2011), conceitua brevemente o termo política e a importância dos indivíduos participar das questões em sociedade:

[...] A política está associada à conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos em prol de um fim comum. A política abrange a organização destinada ao atendimento da necessidade natural de convivência dos seres humanos, abrangendo toda ação humana que gera feito sobre a coletividade. O ser humano é político, pois a própria natureza humana exige a vida em sociedade. Ou seja, todo ser humano tem necessidades que só podem ser atendidas com a ajuda e participação de outros seres humanos. Desse modo, tudo o que o ser humano tem ou realiza é tido ou realizado em sociedade. Por conseguinte, todos os seres humanos necessitam da vida social e da participação política. (FARIAS NETO, 2011, p. 129)

Para além de atuar enquanto eleitores de seus representantes políticos, exercer a sua participação política, é buscar pela inclusão social de indivíduos e /ou grupos na tomada de decisões de acordo com suas necessidades e características sociais. Farias Neto (2011), ressalta que nenhum ser humano pode viver sem se decidir, ainda que muitos evitem tomar decisões, por comodismo ou pelo medo da responsabilidade de decidir. O autor também aponta que essa fuga à responsabilidade decorre, geralmente, por conta da falta de consciência quanto à necessidade de vida social e quanto ao significado da omissão de decisão:

[...] as pessoas não querem ter o trabalho, ou assumirem a responsabilidade, de decidir estão tomando a decisão de permitir que outros decidam em seu lugar, o que pode acarretar danos irreparáveis e arrependimentos sem cura. A omissão em participar nas decisões de interesse coletivo tende a favorecer os mal intencionados, incitados por egoísmo, cobiça e audácia desenfreadas, que procuram orientar nas decisões em prol de suas conveniências e em detrimento da coletividade. A omissão e a acomodação de muitos ensejam a consecução dos objetivos de poucos que redundam, inexoravelmente, ruinosos para todos. (FARIAS NETO, 2011, p. 129,130).

Essa acomodação com relação aos acontecimentos políticos é debatida por diversos autores, os quais apontam, além do contexto histórico-cultural, também outros fatores que agravam esse cenário. O desconhecimento do impacto das decisões políticas sobre nossas vidas denuncia a insuficiente politização da sociedade (BIZ, PEDROSO, 1992). Entende-se por participação política a partir de três elementos:

- 1) a percepção da importância dos fenômenos políticos pelos cidadãos, 2) o interesse em conhece-los e discuti-los e 3) a vontade de interferir na sociedade, isto é, agir para que as decisões políticas reflitam os nossos interesses e os da maioria da população. Esta participação pode ser de intensidade, frequência e abrangência

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p630>

variáveis. Qualquer que seja sua natureza ou forma, contribui para a democracia. (BIZ, PEDROSO, 1992, p. 13)

A participação é imprescindível, pois é através desta que se pode gerar mudanças através do exercício de deveres e efetivação na conquista de direitos inerentes às mais diversas demandas e interesses. Por participação política existe também a definição errônea de que a mesma somente é praticada diante das urnas, em períodos eleitorais, porém existem muitas outras atitudes que a caracterizam.

Independentemente do nível de participação de cada indivíduo, o fato de estar engajado numa agremiação, lutando por uma causa que ultrapasse o seu interesse individual (embora o inclua), reduz a passividade, elimina a apatia geral da sociedade. Indivíduos lutando por seus direitos são indivíduos que conhecem seus direitos e deveres e, portanto, que não são passíveis de manipulação ou dominação. (BIZ, PEDROSO, 1992, p. 17)

Teixeira (2001) complementa que se considera participação política desde comparecer às reuniões de partidos, comícios, grupos de difusão de informações, até o inscrever-se em associações culturais, recreativas, religiosas ou, ainda, realizar protestos, marchas, ocupações de prédios.

Mas para que não haja o que os autores preconizam sobre manipulação ou dominação dos indivíduos, é necessária a consciência dos lugares sociais. O que de certa forma é conquistada através de educação e informação, e que para muitas esferas da sociedade ainda são negadas por diversas motivações, pois, "o modelo de sociedade que possuímos não é excludente apenas econômica e socialmente, mas também politicamente, pois impede a participação política de grande maioria da população". (BIZ, PEDROSO, 1992, p. 45).

Para que os objetivos das reivindicações sejam alcançados são necessários que além de organização haja conscientização. Conscientizar uma pessoa é ajudá-la a superar o processo de alienação e despertá-la para o uso da razão, dando-lhe condições para que perceba as exigências morais da natureza humana. (DALLARI, 1999). Segundo Baquero (2006), conscientizar não significa manipular, conduzir o outro a pensar como eu penso; conscientizar é tomar posse do real, constituindo-se olhar mais crítico possível da realidade. Para a existência da liberdade política, muito teve de ser feito e por alguns grupos como o das mulheres e dos negros e negras, essa conquista precisa avançar.

Desigualdade de gênero e racial enquanto fatores antidemocráticos

A discussão sobre as condições desiguais ainda enfrentadas pelas mulheres diante dos homens na sociedade brasileira, estão tendo grande atenção e destaque nos espaços da sociedade. A desigualdade de gênero é instaurada estruturalmente, e vivenciada pelas mulheres diariamente desde sua infância como submissas aos homens e estes como mantenedores de poder máximo na sociedade. Este cenário está em constante mudança, porém a disparidade na equidade de direitos ainda é contrastante e muitos são os determinantes, de acordo com cada sociedade e culturas. Dentre tantos vieses que este conceito dispõe, nós nos apoiamos a este, a de que

[...] gênero, questões de gênero, ou ainda relações de gênero referem-se à relação homem/mulher, considerando principalmente as dimensões social, cultural e simbólica (construídas historicamente) que permeiam essa relação, transcendendo assim os determinismos biológicos. (CRUZ, 2013, p.22).

É possível compreender que as relações de gênero vão para muito além das condições biológicas. São relações de poder. Simone de Beauvoir dispôs de importantes contribuições, dentre elas

[...] a existência de mitos que afirmavam que a anatomia e a fisiologia dos corpos eram as responsáveis pelas diferenças entre mulheres e homens no domínio cognitivo e comportamental, bem como justificavam as desigualdades sociais. Para fazer frente a esse entendimento, a autora revelou que a opressão da mulher não se deve a fatores biológicos, psicológicos ou econômicos, mas à construção histórica da mulher como um segundo sexo, a “outra” do homem. (OLIVEIRA, 2006, p. 9).

Cruz (2013) assegura que a categoria gênero é um importante instrumento que permite observar e analisar os papéis sociais que homens e mulheres desempenham, ou melhor, permite analisar as características e os estereótipos que são fortemente utilizados, seja no âmbito social, político, econômico ou cultural.

O papel de gênero é então, o conjunto de expectativa em relação aos comportamentos sociais que se esperam das pessoas de determinado sexo. A estrutura social é que prescreve uma série de funções para a mulher, como próprias ou “naturais” de seus respectivos gêneros. Essas diferem de acordo com as culturas, as classes sociais e os períodos da história. (STREY, 1997, p.10).

E dada a infinidade de características e vivências distintas inerentes às mulheres, é necessário que se faça os recortes sociais de acordo com as especificidades de cada uma. Por isso, as mulheres negras, além de vítimas do machismo imposto pela sociedade patriarcal, são também discriminadas por conta do racismo, são em maioria socialmente julgadas inferiores, por conta de características étnico-raciais, como a cor da pele. Ainda são estatisticamente as mais pobres, não-alfabetizadas, desempregadas ou em cargos considerados

subalternos, os que exigem maior força braçal e disposição de tempo e são também as maiores vítimas de morte por homicídio⁴, em comparação às mulheres não negras

Tentar entender os problemas das mulheres como comuns a todas, sem levar em conta elementos como raça, classe, renda ou orientação sexual, seria silenciar sobre a multiplicidade de experiências específicas que compõem a condição feminina. (MIGUEL e BIROLI, 2014, p. 89).

São minorias em espaços laborais, políticos, acadêmicos e na infinidade de lugares os quais deveriam fazer parte em igual parcela às outras, por conta de resquícios negativos e históricos advindos desde os tempos de escravidão e por isso possuem maiores dificuldades de ascensão na sociedade.

Redes sociais como instrumentos de participação para mulheres negras

Thompson, (2011, p. 25) afirma que se quisermos entender a natureza da modernidade – isto é, “as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas – deveremos dar um lugar central ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu impacto”. Podemos compreender que de acordo com as transformações sociais, a comunicação é importante no auxílio ao desenvolvimento das sociedades.

Com a redemocratização muitos movimentos sociais surgiram e a intensificação destes se deu em meio às urgências encontradas no convívio em sociedade. As necessidades emergentes por meio de ausências do poder

⁴ Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2015/11/mulheres-negras-sao-mais-assassinadas-com-violencia-no-brasil>> Acesso em: 17 de jun. 2016.

público em assegurar direitos e dos impedimentos incrustados na sociedade, tais como, o racismo e o sexismo.

Há diversas formas de participação, porém, com o processo de globalização e avanço tecnológico, a participação política está sendo reconfigurada e instrumentalizada por outros meios:

[...] O Estado em crise não consegue dar resposta às demandas da sociedade, sobretudo àquelas dos segmentos mais empobrecidos e dos que sofrem vários tipos de discriminação, aglutinando-se em torno de suas carências e da defesa de seus direitos. Num processo de reivindicação, expressão e luta, estes constroem suas identidades e autonomia com uma nova maneira de encarar o Estado e de agir coletivamente, expressando aspirações e necessidades. Passam a constituir-se, então, novos atores sociais e políticos, que não só lutam por políticas públicas que os atendam, mas por serem reconhecidos como sujeito, na construção e efetivação de direitos e de uma cultura política de respeito às liberdades, à equidade social, à transparência das ações do Estado. Constitui-se assim, nos anos 70/90, em muitos países da Europa e América Latina, uma sociedade civil formada de uma rede de associações, movimentos, grupos e instituições, que, articulada com setores liberais e lideranças empresariais, participa ativamente do processo de redemocratização de países. (TEIXEIRA, 2001, p. 24)

É importante reforçar que a participação política não é apenas participação eleitoral, e muitas vezes é mais eficiente por outros meios.

A demanda de participação se concebe mais frequentemente como uma experiência que se organiza em torno de um dispositivo que permite a ação e a cooperação. Muito mais flexível e autônoma, esta forma de participação não visa a entrar nos debates promovidos pelas instituições, mas sim organizar zonas especializadas ou de discussão fora do alcance das instituições, em alguns casos indo contra seus princípios. Ao contrário das instituições, essa participação não procura iniciar ou conduzir o debate, encarregando-se somente de tornar mais fáceis as condições para que os internautas criem seus próprios espaços de debate. (CARDON, 2012, p. 87).

As redes sociais permitem autonomia, liberdade e maior facilidade de expansão. É uma medida emergencial, que permite o retorno do espectador, enquanto muitas mídias permitem apenas a propagação de informações, sem que haja a possibilidade da compreensão e até mesmo retornos da sociedade.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massas e sua centralidade na experiência contemporânea produziram alterações importantes na gestão do tempo cotidiano, deslocando as fronteiras entre diferentes espaços e grupos sociais, modificaram o exercício da autoridade e fragmentaram as representações mentais do mundo de que se servem as pessoas para nele se situarem. Seu impacto na vida política é indiscutível, alterando as formas do discurso, a relação entre representantes e representados e as vias de acesso para a carreira política. Ao mesmo tempo, a mídia reforça compreensões hegemônicas da política, que envolvem a confirmação dos atores e posições que dela fariam parte de maneira legítima. (MIGUEL, BIROLI, 2010, p.7)

Cardon, (2012) afirma que, na era digital, a democracia mudou de aparência. A internet não permite somente comunicar mais, melhor e mais rápido; ela alarga formidavelmente o espaço público e transforma a própria natureza da democracia.

A internet facilita além da conscientização, a participação política dos indivíduos, por sua versatilidade e fluidez dos conteúdos e pela liberdade e autonomia que proporciona aos internautas:

Ao desenvolver um amplo leque de funcionalidades que permitem ao receptor se manifestar, a internet reabilita formas ínfimas, fúteis e murmurantes de participação. Emitir um voto sobre um artigo ou um vídeo, clicar no botão "I like" do *Facebook*, deixar um comentário na página de um músico no MySpace, redirecionar um link no Twitter constituem formas de participação, ainda que mínimas, na hierarquização das informações na internet. (CARDON, 2012, p. 82).

Segundo Chaves⁵ os movimentos sociais, estão sofrendo grandes mutações e possuem uma nova forma de participar e fazer militância social. Não só denunciando, mas também empoderando, reforçando e valorizando a identidade negra, ela diz também que as mídias sociais empoderaram a presença do negro, criam uma nova militância, nova forma de lutar por ideais. A mesma autora reforça que a comunicação é uma estratégia de desconstruir preconceitos através da informação e que houve uma mudança de posição, os que antes tinham posição de vítimas, hoje nas redes são atores sociais.

E como empoderamento podemos compreender inicialmente que se trata portanto, de um dispositivo que estimula as pessoas a se envolverem na política de forma espontânea e autônoma, a partir de uma compreensão da importância de sua ingerência na arena política para efetivamente, tentar mudar, o rumo das coisas. (BAQUERO, 2007, p.138).

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. Segundo Peruzzo, (1998) as pessoas passam a reconhecer-se como participes de situações semelhantes, a partir de carências e problemas vividos em comum. No caso das mulheres negras, a questão do machismo que gera sérias consequências e que é ainda mais acentuado com o racismo, e os aprofundamentos dessas opressões, são os principais fatores os quais fazem com que elas se identifiquem, se unam e se mobilizem contra essas ações que inibem a participação e inserção social.

Isso porque a internet estimula as experiências. Ela possibilita ultrapassar o limiar entre representantes e representados: deliberação ampliada, auto-

⁵ Ideias em Tese - Leslie Chaves - B3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nwSELhOc3yk&feature=youtu.be&list=PLkdJ9gZLZDonM-UgG5PVofj_jp839ukac> Acesso em: 05 nov. 2016.

organização, implementação de coletivos transnacionais, socialização do saber, desenvolvimento de competências críticas (CARDON, 2012 p. 1).

Nesse contexto, o *Youtube* é um dos sites com o maior número de acessos no mundo e nesta plataforma que cada dia ganha mais aderência. A partir dele estão atreladas muitas outras plataformas e redes sociais as quais podem ser linkadas de forma prática, ampliando o alcance e conhecimento dos vídeos, através de compartilhamentos. A plataforma de vídeos digitais, surgiu oficialmente em 2005, e é referência na divulgação de conteúdo.

Análises dos canais do *Youtube*

A pesquisa foi construída majoritariamente através de pesquisa bibliográfica e possui um caráter empírico. Utilizamos das vivências e observação para promover a pesquisa exploratória. No *Youtube*, buscamos pelas palavras-chave, "*Youtubers* negras brasileiras", onde foram encontrados inúmeros canais de mulheres negras sobre os mais diversos segmentos e temáticas.

É importante salientar que o próprio site recomenda canais e vídeos de assuntos correlacionados o que facilita ainda mais a busca por algo específico. Nessa mesma busca, o retorno de uma grande quantidade de canais, os quais, somando as visualizações e inscrições de internautas, eram muitos. Numa análise prévia, percebe-se a enorme quantidade de interações, muitos comentários, "*likes*" e "*deslikes*" acerca de cada vídeo em que a periodicidade em sua grande maioria, é breve, em média carregamentos semanais, o que faz com que realmente incentive o acompanhamento dos mesmos, nisso se assemelham aos programas da própria televisão.

Após diversas buscas, selecionamos dois canais. O critério de escolha, foi, a maior quantidade de inscritos, num canal criado em 2010 e noutro criado em

2015, com a intenção de avaliar nesses cinco anos, quais as temáticas retratadas por essas mulheres negras que mais possuíam inscrições e verificar o que têm sido postados por elas que tanto atrai internautas à acompanharem.

A proposta foi perceber os assuntos tratados com o decorrer dos anos, através dos enunciados dos vídeos e a classificação dos mesmos em categorias. Com relação às categorias, de acordo com o próprio enunciado e assistindo alguns vídeos que não diziam em primeiro momento sua temática, para definir do que se tratavam, foi possível identificar que os assuntos que majoritariamente são temas dos vídeos dos dois canais escolhidos, são beleza e estética negra.

Canal Rayza Nicácio	
Temáticas ligadas à Estética (beleza, saúde e autoestima) e autonomia da mulher negra	224 vídeos
Assuntos Pessoais e outros (religião, casamento, amizade, viagens, família, música)	200 vídeos
Vídeos relacionado à Publicidade, divulgações de marcas	14 vídeos
Canal Afros e Afins – Nátaly Nery	
Assuntos Pessoais (relacionamento, amizades, viagens e afins)	30 vídeos
Temáticas ligadas à Estética (beleza, saúde e autoestima) e autonomia da mulher negra	35 vídeos

(Fonte: os autores)



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p630>

Canal da Rayza Nicácio

Rayza Nicácio, popular Ray, 21 anos, estudante de Comunicação Social. Intitula-se como serva e filha de Deus e adere ao slogan “sujeita a Sua palavra e apaixonada por Sua beleza”. Cacheada de nascença, mas que passou a experimentar a liberdade de se aceitar a partir de 2009. Atualmente ela é defensora da identidade original do cabelo crespo/cacheado.⁶ Quando buscamos mais informações sobre Rayza nos deparamos com uma jovem que possui trabalhos ligados e dependentes da internet, como uma loja virtual de camisetas (Loja da Ray), marca de sua autoria, um blog, do qual originou seu canal no *youtube* que leva seu próprio nome em que desencadeou convites para trabalhos em marcas renomadas de cosméticos como a Natura.

No decorrer de seus quase quatrocentos e cinquenta vídeos é possível acompanhar muito de sua vida pessoal. Por exemplo, desde seu noivado até o dia de seu casamento, amigos, familiares, viagens e muitos outros acontecimentos sociais. Rayza é cristã, e apresenta vídeos em que retrata questões ligadas à religião, com um diferencial, ela canta as músicas religiosas. Porém, sua iniciação e assunto de maior acesso é sobre cabelos cacheados e crespos. Seus vídeos sobre beleza, estética e autoestima possuem desde indicação de produtos, penteados e cuidados, como também discussões mais críticas sobre a transição do cabelo alisado com produtos químicos até a aceitação do cacheado original, reconhecimento de identidade, assunto que é um estigma diante das discussões sobre estética feminina negra.

Num vídeo de 23 de setembro de 2013, intitulado “Como tudo começou”, Rayza expõe que começou seu canal de maneira despretensiosa, diz que é uma questão de responsabilidade social, ser formadora de opinião e que

⁶ Trecho retirado do blog da mesma, disponível em: <<http://www.rayzanicacio.com/p/sobre.html>>

tem tido muitos retornos de mulheres que também passaram pelo processo de transição capilar, que aceitaram suas estéticas naturais e que se sentiram encorajadas através de seus vídeos. Nessa mesma fala, Rayza revela o quão gratificante é receber esses feedbacks e deseja continuar repassando questões relacionadas à autoestima: “Culpamos muito a mídia, mas a partir do momento em que eu e você, nós nos aceitamos como somos ‘eles’ vão ter que abrir espaço e dar atenção pra gente”. É importante perceber ainda que Rayza faz críticas à dificuldade de encontrar profissionais que cuidem de cabelos cacheados.

Durante a análise dos vídeos foi possível identificar que o conteúdo que possui 1.384.794 visualizações, o mais visto pelo público, é o vídeo intitulado “Como vocês nunca me viram antes”, em que Rayza alisa metade de seus cabelos, com a finalidade de mostrar como era quando se submetia aos processos químicos capilares. E o segundo vídeo mais visto, é “Big Chop: após 10 anos de cabelos longos”, com 959.832 visualizações, em que Rayza leva uma convidada que faz “o grande corte”, após um ano de transição capilar, período em que se interrompe o uso dos produtos alisantes até o big chop, retirando toda a química dos fios.

Canal afros e afins

O canal afros e afins ministrado por Nátaly Neri, mulher negra, estudante de ciências sociais, foi criado em 22 de julho de 2015. O conteúdo divulgado pelo canal do *youtube* retrata diversas questões, entretanto, a maioria relaciona-se à estética e a beleza feminina, diferenciando-se do canal Rayza Nicácio. Ela intensifica a problematização das temáticas, pontua as críticas e aprofunda as questões acerca do lugar da mulher negra na sociedade. Na descrição do canal encontramos:

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p630>

Sou Nátaly Neri, mulher negra, feminista, apaixonada por brechó, costura, moda e faça você mesmo. O objetivo desse canal é incentivar a autonomia de quem assiste, aprendendo a garimpar, achar as melhores opções de consumo de moda, discutindo questões importantes sobre nosso lugar no mundo sem ignorar, é claro, tutoriais divertidos de maquiagem, cabelo e tudo o que quisermos que nos caiba.

No primeiro vídeo, Nátaly deixa claro que o canal foi criado com o intuito de falar o que muitas pessoas não falavam e também incentivar a autonomia de quem a assistisse através de vídeos tutoriais. De fato, ela busca ensinar os seguidores a aprender gastando muito pouco e aproveitando o que a pessoa tem a sua disposição. Em outros vídeos, a *youtuber* reforça que os pilares do canal são: *incentivar a autonomia intelectual, estética e financeira da mulher negra e de outras mulheres que por ventura estejam vendo o canal.*

Uma das características importantes de Nátaly Neri é que ela é adepta a consumir em brechós e o incentivo da moda consciente, que também pode ser intitulado "*Upcycle*" que significa adquirir e transformar roupas que não seriam mais utilizadas em peças novas. Nátaly alerta sobre as questões por trás da moda "inconsciente", como trabalho escravo e produção de lixo e poluição através das indústrias têxteis.

O canal afros e afins apesar de possuir apenas um pouco mais de um ano e poucos vídeos carregados, possui grande variedade de vídeos com discussões mais aprofundadas sobre questões políticas e sociais majoritariamente voltadas às mulheres negras. Nátaly também inclui muitas temáticas como feminismo, transfeminismo, representatividade negra na moda, sexualidade e temas que antes eram considerados tabus. Nátaly aborda em muitos de seus vídeos a questão do empoderamento, termo que ultimamente têm sido utilizado para potencializar a participação das mulheres em sociedade:

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p630>

[...] o tema do empoderamento social não é novo, no entanto, o marco histórico que trouxe notoriedade ao conceito foi a eclosão dos novos movimentos sociais contra o sistema de opressão em movimentos sociais contra o sistema de opressão em movimentos de libertação e contracultura, na década de 1960 do século passado, nos Estados Unidos, passando o *empowerment* a ser utilizado como sinônimo de emancipação social. (BAQUERO, 2012, p. 174)

É possível notar que o canal afros e afins, com pouco mais de um ano, atingiu a marca de 2.918.988 visualizações e o vídeo com maior número de visitas é o “Tutorial de dreads de lã” com 536.071 visualizações. Dread é uma espécie de trança que possui um significado histórico, pois a sua origem vem da cultura africana. Embora a trança tem aceitação e ganha popularidade, em diversas situações as tranças estão sendo utilizados para valorizar estilos, desvinculadas com a identidade negra. Duas dimensões devem ser observadas. A primeira é que as mulheres negras em período de transição usam as tranças para valorizar durante o crescimento dos cabelos e também podem auxiliar neste período de mudança, pois, valoriza a pessoa e afirma a autoestima. A segunda dimensão é que caso não se efetive o *big chop*, o cabelo fica com várias texturas diferentes e nem sempre a aparência é agradável, nesse caso, pode ocorrer os olhares desabonadores, a discriminação, o racismo, o preconceito a partir da beleza e estética da mulher negra.

Sentidos de participação e empoderamento através dos canais do *youtube*

Gomes (2008, p. 21) declara que “o cabelo é como ícone identitário e o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação”:

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p630>

Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar cabelo. (GOMES, 2008, p. 21)

Observando os comentários e números de visualizações é possível constatar a procura e o interesse por parte das internautas na temática, bem como, a aceitação de suas estéticas naturais, o que pode ocasionar num espelhamento e incentivo à aquela que não tem coragem de realizarem este ato. Observamos também o apagamento das características naturais, crespas e cacheadas.

Desde a construção da ideologia racista, a cor branca com seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana com base na qual foram projetados os cânones da estética humana. Por uma pressão psicológica visando a manutenção e a reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia "racial" de um grupo sobre os outros, os negros introjetaram e internalizaram a feiura do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada em sem favor. (GOMES, 2008, p. 15)

A estética e a beleza negra têm resistências. Muito embora, ao menos na divulgação se expande através de peças comunicacionais, em revistas, nas propagandas, aos poucos estão sendo inseridas às mulheres negras como protagonistas, com seus cabelos naturais. Essa divulgação faz com que muitas mulheres negras se aceitam, enquanto àquelas que não têm acesso a essas plataformas e informações sentem a ausência da representatividade.

Articulando essas informações com as palavras de Munanga (2006) podemos dizer que a representação das *Youtubers* escolhidas, seus conteúdos podem ser incentivadores à aceitação, revertendo à ótica das consequências do racismo.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p630>

[...] para libertar-se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro. (GOMES, 2008, p. 15).

Essas jovens negras, participam ativamente do processo, utilizando das plataformas digitais, como afirmação da identidade e revisão de pré-conceitos e opressões estruturais contra as mulheres negras.

É essa presença maciça da mulher nas ações coletivas dos movimentos populares em todo o mundo e sua auto identificação explícita como participantes de um todo que está transformando a conscientização das mulheres e seus papéis sociais, mesmo na ausência de uma ideologia feminista articulada. (CASTELLS, 1996, p. 224).

Sobre as formas de participação através das plataformas digitais e suas consequências para a geração do reconhecimento identitário e empoderamento de mulheres é importante articular com as palavras de Castells (1996, p. 235).

[...] A autoconstrução da identidade não é a expressão de uma essência, mas uma afirmação de poder pela qual mulheres se mobilizam para mudar de como são para como querem ser. Reivindicar uma identidade é construir poder.

É importante ressaltar que as ações geradas *online*, não possuem fronteiras, tornam-se algumas vezes imensuráveis e de alcance mundial. As mulheres negras estão vinculando sua participação, as lutas e mostram a opressão a que estão sujeitas. A partir dessa participação, elas contribuem com o fortalecimento dos processos de empoderamento de outras mulheres negras.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p630>

[...] é difícil o indivíduo marginalizado e dominado descobrir sozinho que dispõe de meios para reagir e participar. Por isso, é necessário que todos aqueles que já tomaram consciência realizem especial trabalho de conscientização dos demais. Esse trabalho abrange explanação, ensino e demonstração, inclusive pelos exemplos históricos, que os mais fracos, imbuídos das causas certas, podem vencer os mais fortes e que a força do grupo coeso pode compensar a fraqueza do indivíduo isolado. (FARIAS NETO, 2011, p. 131).

O fato das *Youtubers* através de seus conteúdos impulsionarem suas inscritas a se aceitarem, continuarem e propagarem as lutas das mulheres negras, une aos ensinamentos de Farias Neto (2011), a de que o desejo de participação decorre a partir da convicção, em cada indivíduo, de que sua participação é justa, necessária e possível, com vista a promoção da coletividade.

Conclusão

Com a análise dos canais inferimos que a estética é uma das temáticas mais pautadas entre as mulheres negras *Youtubers*. Percebe-se também que para muito além da discussão sobre beleza, as analisadas aprofundam, visando a discussão da estética negra como fator político e social. É perceptível através do incentivo a aceitação dos cabelos naturais crespos e cacheados e no auxílio à manutenção dos mesmos, ação que socialmente, por muito tempo era difícil de se encontrar, o que fazia com que as mulheres negras, em maior número, passassem por processos químicos, com alisamentos, por não saberem lidar ou não aceitarem seus cabelos.

A Rayza Nicácio, através de seu canal, ganhou maior visibilidade, sendo convidada para participar de campanhas publicitárias de produtos voltados para a mulher negra. Os canais também auxiliam no atendimento de demandas, como por exemplo o elevado número de marcas passaram a produzir novos

produtos e cosméticos a partir da visibilidade que as *Youtubers* podem oportunizar, nos vídeos de indicação e tutoriais por exemplo.

O canal afros e afins da Nátaly, mostrou que a cada ano que passa, mais se discute questões políticas e sociais, voltadas especificamente para mulheres negras. Nátaly demonstra que o *Youtube* é um espaço para a inserção autônoma e impulso da autonomia para mais mulheres possibilitando a participação ativa e garantindo o empoderamento.

Por fim, os canais auxiliam na aceitação do corpo negro e as mulheres podem se reconhecerem enquanto negras, com orgulho e ter a autonomia para se transformarem e lutar pela transformação de outras pessoas. Com isso, as mulheres negras inferiorizadas historicamente, encontram, ainda que em pequena parcela, conteúdos que as contemplem e as informem, positivamente, auxiliando na formação de representatividades em que possam se espelhar e se inspirar. É claro que a internet potencializa essa participação, através da propagação de conteúdos podendo obter maiores proporções e efetivação de participações locais e globais.

Referências

BAQUERO, Marcello. **Democracia e desigualdades na América Latina**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2007.

BAQUERO, Marcello; CREMONESE, Dejalma (Orgs.) **Capital Social: teoria e prática**. Ijuí: Editora Ijuí, 2006.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: Instrumento de Emancipação Social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates: A situação das Américas: Democracia, Capital Social e Empoderamento**. UFRGS, Vol. 6, Nº 1, p.173-186, 2012.

BIZ, Osvaldo. PEDROSO, Elizabeth. **Participação Política: limites e avanços**. Porto Alegre: Evan Graf, 1992.

- CARDON, Dominique. **A democracia internet:** promessas e limites. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CRUZ, Maria Isabel da. **Mulher na igreja e na política.** São Paulo: Outras expressões, 2013.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política?** São Paulo: Brasiliense, 1999.
- FARIAS NETO, Pedro Sabino de. **Ciência Política:** enfoque integral avançado. São Paulo: Atlas, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.
- MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política:** uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. Orgs. **Mídia, Representação e Democracia.** São Paulo: Hucitec, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.
- OLIVEIRA, Vanilda Maria. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2006. p. 121.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares:** a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- POCHMANN, Marcio. 2014. Participação social no Brasil: Uma larga construção. In: STREY, Marlene Neves (org). **Mulher, estudos de gênero.** São Leopoldo, RS: EdUnisinos, 1997.
- TEIXEIRA, Elenaldo. **O local e o global:** limites e desafios da participação cidadã. São Paulo: Cortez; Recife: Equip, 2001.
- THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.